

## O CENÁRIO POLÍTICO QUE AFASTOU O BRASIL DE UMA JOVEM DEMOCRACIA EM HISTÓRIA RECENTE, AFETADA PELAS CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA DE COVID-19

Maria Aparecida Mendes <sup>1</sup>  
Célia Regina Machado Jannuzzi Loureiro <sup>2</sup>  
Joana da Rocha Moreira <sup>3</sup>  
Rosângela Costa Soares Cabral <sup>4</sup>  
Orientador do Trabalho – Allan Rocha Damasceno <sup>5</sup>

### RESUMO

Por meio do referido artigo, pretende-se provocar uma reflexão acerca de questões que promoveram o cenário político atual brasileiro, partindo do que podemos compreender como a ocorrência de uma crise no sistema democrático, o descortinar de um cenário neoliberal e o mergulho em uma situação governamental de retrocessos, conflitos e ataques nas suas mais diversas formas. Para tanto, faremos uma contextualização sobre o surgimento dessa crise do sistema democrático e estabelecimento do neoliberalismo, por meio das ideias dialogadas com autores como: David Runcimann (2018); Steven Levitsky e Daniel Ziblitz (2019) e Nancy Fraser (2020), com o objetivo de situar o nosso leitor em torno dos temas que ocorreram em âmbito internacional e que afetaram o Brasil em campos diversos como: economia, cultura, saúde, meio ambiente, educação, entre outros. Será feita uma abordagem direcionada para como a fragilidade da situação e a brutalidade da indiferença que despiu a figura macabra e inconsequente do presidente atual (2021), Por meio do registro da trajetória traçada pelo agonizar do sistema democrático, ainda novo e frágil na política brasileira, e das consequências da implementação de um governo que se apresentou, em campanha, sem nenhum compromisso com o seguimento das propostas do ato de governar por meio do regime democrático, serão expostos os problemas gerados pela nova forma de presidir uma nação e de um cenário caótico que teve seu início no Brasil a partir do processo eleitoral de 2014 e ainda está em curso em pleno 2021.

**Palavras-chave:** Pandemia, necropolítica, democracia

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Sociais pelo PPGCS – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, [ricocida@gmail.com](mailto:ricocida@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestre pelo Curso de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, [celia.pedrov@gmail.com](mailto:celia.pedrov@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestre pelo Curso de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, [joanadarochamoreira@gmail.com](mailto:joanadarochamoreira@gmail.com);

<sup>4</sup> Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, [rosangellacabral@gmail.com](mailto:rosangellacabral@gmail.com)

<sup>5</sup> Professor orientador: titulação, Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense - UFF, [lepedi-ufrrj@hotmail.com](mailto:lepedi-ufrrj@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

Vivemos a crise da hegemonia do capitalismo de forma global e com características semelhantes, como o enfraquecimento da autoridade dos partidos e classes políticas de direita e de esquerda, com explícita rejeição da política tradicional (Nancy Fraser, 2018). É de forma generalizada que, também, a extrema direita busca captar a frustração gerada pela crise do capitalismo que chega à população como momento de grande insegurança e frustração, que passa a culpabilizar a elite pela geração de tamanho sofrimento. Passa, então, essa extrema direita, a minar, enfraquecer autoridades de partidos já estabelecidos e se apresentar como portadora de novas ideologias e lideranças diferenciadas, que culminam levando ao poder o neoliberalismo descortinado em atuações agressivamente capitalistas por meio da quebra de barreiras da livre circulação do capital, a desregulamentação bancária com ampliação de dívidas predatórias, a desindustrialização, o enfraquecimento dos sindicatos, a difusão de trabalhos precários e mal remunerados, por meio de políticas que reduziram os padrões da classe trabalhadora e média.

Levitsky e Ziblat (2018) nos convidam à reflexão sobre o mundo, de uma maneira geral, que parecia caminhar para a estabilidade democrática, ter sido surpreendido por certo número de golpes de Estado com atitudes eleitorais e posturas políticas autoritárias em ascensão (Chile, Venezuela, Rússia, Estados Unidos, Brasil, entre outros), mostrando que nenhuma democracia está livre do surgimento de demagogos extremistas, que se alimentam de crises e frustrações da população com os projetos e programas dos governos em exercício. Tal situação costuma ocorrer em tempos de crises, onde a população aceita mais resignadamente medidas antidemocráticas como forma de conserto dos problemas em questão. Dessa forma, evidencia-se que a democracia pode morrer, na atualidade, por meio de formas diversas e não mais apenas pela figura explícita de um ditador (Runcimann, 2018) - principalmente em países onde a democracia se encontra mais solidificada -. Ao invés do exército, hoje temos homens e mulheres de ternos, armados de suas planilhas (comerciários, bancários, empresários) em que se oferecem vantagens a eles em detrimento dos direitos do povo, ao chegarem ao poder.

Ainda segundo os autores, uma via que apresenta responsabilidade por tais políticos carismáticos são os partidos que acreditam que podem aproveitar a popularidade

alcançada por eles e se ligam aos mesmos para chegarem ao poder. Em seguida, o ganhador, que não aceita nenhum tipo de controle ou direcionamento por parte do partido, se desvincula e passa a atuar de forma ditatorial sozinho e articula formas de nomear (quando possível) ou ganhar para o seu lado (por suborno, cortes de verbas, oferta de cargos, perseguições políticas, prisões) elementos ou grupos políticos das várias instâncias do poder, para garantir a neutralização dos oponentes e as mudanças de regras ao seu favor, por meio do controle dos poderes.

O sentido da democracia é o de promover espaços de divergências, sem que se transforme em conflitos, mas sim reflexões, exercício político por meio da participação mais ativa nas decisões e capacidade de administração das discordâncias, para que se possa propor e construir projetos e políticas públicas voltadas para as questões sociais. Democracia se traduz em lugar de liberdade que propõe a não violência, mas que surgiu por meio da violência. Sem liberdade caminhamos a largos passos para a barbárie, como nos lembra Adorno (2006):

A minha geração vivenciou o retrocesso da humanidade a barbárie, em seu sentido literal, indescritível e verdadeiro. Esta é uma situação em que se revela o fracasso de todas aquelas configurações para as quais vale a escola. Enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto. Mas se a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, e justamente o contrário da formação cultural, então a desbarbarização das pessoas individualmente e muito importante. A desbarbarização da humanidade e o pressuposto imediato da sobrevivência (ADORNO, 2006, p. 116)

No entanto, hoje, observamos perplexos, a chegada ao poder de figuras como Donald Trump e Jair Messias Bolsonaro, entre outros, por meio de elementos que contribuíram fortemente para a ascensão dos mesmos, tais como: o discurso de combate à corrupção e ao terrorismo, *fake news*, desconhecimento político de parte da população, discurso da política autoritária como forma enérgica de resolver problemas que assolam a população, contestação de resultados eleitorais, desmerecimento dos oponentes, encorajamento da violência, propostas de restrições de liberdade civis e descarte dos opositores.

Passamos para a representatividade da política medíocre de lideranças perversas e de efeitos destrutivos e, se é que existe, ainda que minimamente, de pouco poder construtivo, trazendo para o mundo uma manifestação de forças negativas por meio de um neoliberalismo embutido de um cenário fascista, autoritário, que ignora as situações

emergenciais sociais e valoriza o cenário de guerra contra populações, direcionado por conflitos, radicalização nas fronteiras, guerras cibernéticas e comerciais, ataques à guerra ao terror, ao crime organizado e o incentivo ao encarceramento. Como explica Adorno (2006) sobre esse autoritarismo:

Tudo isso se relaciona de um modo ou outro a velha estrutura vinculada a autoridade, a modos de agir — eu quase diria — do velho e bom caráter autoritário. Mas aquilo que gera Auschwitz, os tipos característicos ao mundo de Auschwitz, constituem presumivelmente algo de novo. Por um lado, eles representam a identificação cega com o coletivo. Por outro, são talhados para manipular massas, coletivos, tais como os Himmler, Hoss, Eichmann. Considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita e contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização. Isto não é tão abstrato quanto possa parecer ao entusiasmo participativo, especialmente das pessoas jovens, de consciência progressista. (ADORNO, 2006, p. 127)

A ocorrência da financeirização gerou o abandono dos países em torno do mundo, juntamente com o surgimento das questões ambientais, climáticas, de segurança alimentar tornaram necessário que se apresentassem categorias políticas novas que absorvessem essas e outras complexidades. No entanto, o que emergiu foi o neoliberalismo que não buscou a sintetização das crises orgânicas, ambientais e financeiras, mas sim a não construção da hegemonia e de guerras de classe por meio da destruição de direitos, de proteção, de radicalização da ação policial, de saques de territórios, de exceção jurídica, de manipulação de massas, precarização, gestão do medo, discursos conservadores da família, tradição, religião, sexualidade e comportamentos de ordenação social.

Um fato inesperado acabou por forçar e explicitar, de forma mais aligeirada, a agenda social do neoliberalismo negacionista que acabava de subir ao poder, que foi a pandemia de COVID 19 que passou a ter um clamor para as necessidades sociais a serem observadas e a promoção de ações voltadas para tais prioridades; atrasando um processo que já parecia certo - que era a destruição mais rápida e eficaz de todas as conquistas trabalhistas e ataques violentos contra os movimentos sociais -. Dessa forma, a pandemia mudou o curso desse triste fim político e colocou os países diante de posicionamentos de questões éticas, das necessidades sociais que o momento passou a exigir e da criação de instrumentos de garantias de sobrevivência.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto V-Dem (Variações da Democracia), o Brasil ocupa o quarto lugar quando se trata de nações que se afastaram da democracia em 2020, tendo à frente dele apenas a Polônia, a Hungria e a Turquia. É uma queda gradativa, que teve início em 2015, a partir do golpe sofrido pela Presidenta Dilma Rousseff. A direita vai ganhando terreno por meio de apontamentos de falhas existentes nas pautas de esquerda, já desde 2013, que contava com um povo que se apresentava indignado com a lentidão em relação às atuações nas mazelas e nos projetos sociais que culminaram na provocação desse público, uma disputa acirrada para a presidência em 2014 que deu a vitória para Dilma, mas que ao mesmo tempo deu início a um processo de contestação de resultado nas urnas e o boicote (declarado em público) pelo perdedor – Aécio Neves\_ a todas as pautas do governo eleito, facilitando a passagem dos interessados em relação ao golpe de destituição de Dilma em 2016.

A derrubada de Dilma foi realizada, ainda que não tenham conseguido nenhuma evidência robusta de crime ocorrido, tendo os interessados recorrido a uma ação que denominavam de “pedaladas fiscal” que era uma manobra financeira não intitulada como crime antes e nem depois de ter sido usada para o propósito do impeachment. Uma das maiores consequências dessa manobra na política nacional foi o fato de que nos distanciamos ali do nosso sistema político democrático, ainda tão jovem na nossa história e passamos a lutar por momentos estanques de acontecimentos democráticos. Como descreve Frigotto:

Este pressuposto incide sobre um tempo em que se constroem falsas verdades ou mentiras e que, no contexto das manifestações de rua para construir o golpe de Estado de 2016 e no governo que assumiu o poder em 2019, assume dimensões de insanidade. De forma cínica, fala-se em pós verdade. O que é a pós verdade? É essa idiotice de que "a verdade é aquilo que eu estou convicto que seja". E uma das expressões mais paradoxais disto é a do atual Presidente da república, quando afirma: “Os dados do INPE não estão certos. Eu estou convencido de que é isto. As queimadas são uma invenção das ONGs para prejudicar o Brasil.”. Retrocedemos ao início da constituição da ciência moderna e da universidade do agnosticismo, para o qual a realidade é tão complexa que é inútil tentar compreendê-la, ou do relativismo absoluto, para o qual a verdade é o que é para cada um. Mas, o que se denomina pós verdade é pior, pois é a construção de mentiras para favorecer determinados grupos na disputa por poder. O clima que se está construindo no Brasil é de anti-ciência. Houve uma pesquisa que demonstrou que um terço da população brasileira não acredita na ciência. Não acreditam naquilo que vocês estão pesquisando para

os trabalhos de final de curso, as monografias, as dissertações, as teses, as pesquisas dos colegas etc. (FRIGOTTO, 2019, p 17)

Aproveitando-se do cenário que conseguiram construir, os interessados na tomada do poder, passaram a disseminar a demonização da esquerda, a promoção do discurso moralista e de combate à corrupção, além do bombardeamento dos eleitores com notícias falsas, elevando, por meio das urnas, um governo que se propunha a desenvolver um mandato com fortes características fascistas, que se apresentava por meio de um discurso favorável à tortura, de negação da ciência, misógino, racista, homofóbico. Para conquistar o poder, Bolsonaro, se aproveitou, ainda, dos resultados de uma atuação jurídica desastrosa do judiciário, que direcionada pelo, então, Juiz Sérgio Moro e com interesses políticos de tombar o governo de esquerda - embora sem a intenção de eleger Bolsonaro, mas outro personagem que representaria a direita indicada por eles - ajudou a desgastar a imagem de políticos de esquerda e levou para a prisão, por meio de um julgamento e recolhimento de provas de confiabilidade fragilizada, o candidato que, segundo pesquisas para a eleição de 2018, poderia alcançar a vitória nas urnas, que era Luiz Inácio Lula da Silva.

Diante de um cenário já todo preparado, como relatado acima, Bolsonaro e seus aliados perceberam a possibilidade de se aproveitarem para venderem a ideia de que ali estava a única possibilidade do povo em se livrar de “tudo isso daí”. Dessa forma, Jair dissemina a imagem de si mesmo como o que representava a diferença de todos que se apresentavam como proposta, no sentido de que faria um governo voltado para o combate à corrupção, que proporcionaria a todos a aquisição de armas que garantiriam a proteção pessoal do indivíduo e de sua família (sugerindo que os governos não davam conta de protegê-los e que essa seria a maneira mais efetiva de proporcionar isso à população), ainda que facilmente se pudesse verificar em sua biografia, na política por aproximadamente trinta anos, já no momento da competição política, que Bolsonaro tinha uma passagem sem realizações relevantes e com um histórico familiar de enriquecimento não justificável por meio da carreira, além de grande aproximação (inclusive declarada publicamente) com elementos ligados às milícias no estado do Rio de Janeiro.

Assim que assumiu a presidência, Bolsonaro mostrou a que veio e começou a colocar em prática toda a agenda Neoliberal, assinada pelo seu ministro da economia

Paulo Guedes, intitulado por ele como seu Posto Ipiranga <sup>6</sup> particular. Iniciou-se, assim, um governo que não se propunha ao diálogo (perseguição e ataques à imprensa e de tudo e todos que pudessem ameaçar com posicionamento crítico a quaisquer decisões apresentadas, além das mulheres, LGBTQIA+ entre outros); o bombardeamento dos povos indígenas e das questões de proteção ambiental em prol do favorecimento do garimpo e do agronegócio; o discurso da família e seus valores retóricos e religiosos – a mentira troca de lugar com a verdade, assim como o que é imoral ganha status de moral, o moralismo se apresenta de forma invertida -; a atuação necropolítica que já fazia parte do seu discurso de campanha (exaltação da ditadura e dos mortos por ela). Segundo Frigotto (2021) o Governo Bolsonaro aposta no “quanto pior melhor”:

Um primeiro aspecto necessário é que haja um esforço para entender o que nos trouxe até o presente, o peso das forças sociais reacionárias historicamente contrarrevolucionárias. Passo concomitante é de construir uma unidade substancial e profunda, na diversidade das esquerdas, para uma agenda elementar para barrar o projeto político das forças sociais de extrema direita que governam o Brasil. Projeto que atinge hoje um grau impensável de desumanização e barbárie. E não será na tese do quanto pior melhor que o processo revolucionário socialista vai avançar. O que estamos percebendo nas ameaças de Bolsonaro é a aposta no “quanto pior melhor” para justificar o Estado de Emergência e, se não houver resistência ampla a tempo, a liquidação da frágil democracia. (FRIGOTTO, 2021, p. 650)

Assim como em inúmeros países pelo mundo, aqui no Brasil a pandemia também mostrou a verdadeira face do bolsonarismo, por estar sendo capaz de expor que a agenda de governo não tinha elementos de comprometimento social. A partir de pressões diversas (de alas dentro do próprio governo, de ONU, da OMS, da imprensa ousada e das manifestações populares) e acabar acelerando a incapacidade de atuação nas agendas que se fazem necessárias nessas situações como políticas públicas de garantias e manutenção de vidas, além da elaboração de medidas que se propusessem a frear os avanços da letalidade e controle da doença (diálogo com situação e oposição de governantes dos estados e municípios, a garantia de renda básica para a população que se encontrava sem seus empregos, a corrida pela vacina, entre outros).

O que se segue é o desenvolvimento de um governo de insegurança que o tempo todo exalta a presença da morte e de um cinismo desconcertante em relação à distância entre o seu discurso anticorrupção e a realidade que cerca o seu ciclo político, familiar e

---

<sup>6</sup> Referência a uma propaganda veiculada que sugeria que o Posto era capaz de resolver todas as dúvidas, por ser atualizado e imprimir competência. O jargão era: “Pergunta lá no Posto Ypiranga”.

de amigadas e o mesmo ocorre em relação ao moralismo evangélico neopentecostal que promove a perseguição e até a morte para os que se desviam da linha que defendem. Frigotto (2021) descreve esse período:

Neste sentido, a quadra histórica que vivemos no Brasil reedita este processo com o golpe de Estado de 2016 e impõe à classe trabalhadora a violência do congelamento por vinte anos do investimento público, único espaço que pode garantir direitos universais, e as contrarreformas trabalhista, da previdência e da educação. Um processo marcado pela desmedida do capital, mormente em sua face financeira especulativa. Uma realidade que se tornou mais perversa com a eleição, em 2018, de um bloco de forças de extrema direita, definida por Norberto Bobbio (1994) como a que adota concepções e práticas fascistas. O tratamento dado pelo capitão Presidente da república à Pandemia Covid-19 explícita de forma clara esta orientação fascista por seu negacionismo, resistência a todas as orientações mundiais da ciência e dos cientistas e pela postura fria, cínica, perversa, insana e mórbida em face à morte de milhões. (FRIGOTTO, 2021, p.638)

Com um número escandaloso de mortes que se aproxima dos quinhentos mil, o governo bolsonarista enfrenta uma CPI instaurada para investigar a atuação do mesmo ao longo da pandemia, que tem dado conta de mostrar que não houve investimentos na aquisição de vacinas para a imunização ampla da população, que recursos direcionados à saúde (construção de hospitais de campanha, aquisição de equipamentos hospitalares e medicamentos) foram escandalosamente desviados, a realização de disseminação da desinformação sobre atitudes de proteção da população como o distanciamento, o uso da máscara, as intervenções nas leis e atuações dos governantes municipais e estaduais enquanto atuantes na contenção do avanço da pandemia em seus territórios, a disseminação de medicamentos sem nenhuma evidência de eficácia comprovada, o corte de recursos para a ciência em momento extremamente essencial para o desenvolvimento de pesquisas direcionadas para a busca de agilidade de oferta de vacinas e de tratamentos para a doença, a atuação intensa do governo no sentido de atrapalhar o fornecimento de informações verídicas sobre a evolução da doença por meio da tentativa de interferência na forma de divulgação dos dados, entre outros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como em Russeman (2018), a democracia brasileira está em risco de morte por meio de um golpe não cometido pela figura explícita de um ditador, pelo menos ao longo do processo eleitoral, ocorrendo por meio de oportunistas que se alimentaram de um



cenário caótico, de interesses de retorno da elite ao poder com centralização total da renda, em detrimento da distribuição que vinha sendo realizada para os menos favorecidos, por meio de programas e projetos sociais diversos. A chegada ao poder se deu por meio da disseminação de possibilidade de fraude eleitoral em 2014 (que colocava em dúvida a vitória de Dilma que havia sido reeleita) e que, de forma gradual, foi desmontando um processo que representava até ali a atuação mais elevada de processo democrático conquistado e desenvolvido em nosso país, que é a escolha do nosso maior representante governamental por meio do voto. E a pergunta que Russeman (2018) nos faz é também a nossa inquietação: “Como lidar com a catástrofe que já se encontra em curso? ”. Frigotto (2021) aponta que existem caminhos ainda que difíceis de serem trilhados:

Enfrentamento desta dramática situação humana implica na capacidade de organizar os diferentes movimentos e lutas de grupos, cultural e politicamente distintos, que pertencem à classe trabalhadora, mas que grande parte não tem consciência de classe e são manipulados contra seus próprios interesses. E no contexto de cultura e práticas fascistas que se ampliam na sociedade brasileira, para sair desta quadra histórica há necessidade política de angariar forças sociais e institucionais que lutam contra o autoritarismo e o fascismo. Sem isto dificilmente poderemos sair desta quadra de nossa história e sonhar com mudanças mais profundas e de não retorno. (FRIGOTTO, 2021, p. 639)

Buscar entendimento do cenário e promover maneiras e estratégias de reação em prol de uma nova forma democrática de inovações contemporâneas que alcancem, principalmente, os espaços tecnológicos, criando mecanismos de uma maior participação política e buscar convencer a população de que a democracia ainda é a melhor forma de comandar um país e de atuar nos problemas são passos importantes a serem dados, rumo ao desmonte das ações que nos colocaram no centro de tal catástrofe. Como nos esclarece Adorno (2006)

Mas a democracia não se estabeleceu a ponto de constar da experiência das pessoas como se fosse um assunto próprio delas, de modo que elas compreendessem a si mesmas como sendo sujeitos dos processos políticos. Ela é apreendida como sendo um sistema entre outros, como se num cardápio escolhêssemos entre comunismo, democracia, fascismo ou monarquia; ela não é apreendida como identificando-se ao próprio povo, como expressão de sua emancipação. Ela é avaliada conforme o sucesso ou o insucesso, de que participam também os interesses individuais, mas não como sendo a unidade entre os interesses individuais e o interesse geral; e, de fato, a delegação parlamentar da vontade popular torna esta muitas vezes uma questão difícil nos modernos Estados de massa (ADORNO, 2006, p. 34).

Outro ponto importante é que os partidos passem a compreender que não devem abrir espaço para a chegada desses demagogos autoritários ao poder (Levitsky e Noblat, 2018), promovendo a formação de frentes contra eles, buscando deixar de lado as rivalidades partidárias – o que tem sido difícil, uma vez que para muitos é praticamente impossível abrir mão do protagonismo em relação ao outro, ainda que esteja evidente que esse outro apresente todas as condições de embate com a ameaça estabelecida no poder.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Paz e Terra: São Paulo, 2006.

ARAÚJO, Mateus. O que necropolítica tem a ver com a pandemia e com falas de Bolsonaro. TAB UOL. 03 de abr. de 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/03/o-que-necropolitica-tem-a-ver-com-a-pandemia-e-com-falas-de-bolsonaro.htm>.

FRASER, Nancy. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. São Paulo: Ed. Autonomia Literária, 2020 - p. 32-68

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Pandemia, mercantilização da educação e resistências populares**. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 13, n. 1, p. 636-652, mai. 2021. ISSN 2175-5604. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/44442/24642>>. Acesso em: 21 Jul. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v13i1.44442>.

LEVITSKY, Steven e ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018

MOREIRA, Romulo de Andrade. A “necropolítica” e o Brasil de ontem e de hoje.. 08 de jan. de 2019. Disponível em: <https://www.justificando.com/2019/01/08/a-necropolitica-e-o-brasil-de-ontem-e-de-hoje/>.

RUNCIMANN, David. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.

SANCHES, Mariana. Brasil é o 4º país que mais se afastou da democracia em 2020, diz relatório. BBC NEWS. 12 de abr. de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56724695>.